



**UnB**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**RAFAELA DOS SANTOS ALVES**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PERSPECTIVA CRÍTICA**

**BRASÍLIA - DF**

**2023**

**RAFAELA DOS SANTOS ALVES**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PERSPECTIVA CRÍTICA**

Trabalho Final de Curso (TFC) apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lygianne Batista Vieira.

**BRASÍLIA - DF**

**2023**

**RAFAELA DOS SANTOS ALVES**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PERSPECTIVA CRÍTICA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lygianne Batista Vieira**

Faculdade de Educação - FE  
Universidade de Brasília - UnB  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
*Dzeta* Investigações em Educação Matemática - DIEM  
Orientadora

---

**Prof. Dr. Geraldo Eustáquio Moreira**

Faculdade de Educação - FE  
Universidade de Brasília - UnB  
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE  
*Dzeta* Investigações em Educação Matemática - DIEM  
Membro Titular – Interno

---

**Prof. Me. Weberson Campos Ferreira**

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF  
*Dzeta* Investigações em Educação Matemática - DIEM  
Membro Titular – Externo

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joanne Neves Fraz**

Universidade de Brasília – UnB  
*Dzeta* Investigações em Educação Matemática – DIEM  
Suplente

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, primeiramente, que me deu força para concluir esta etapa de minha vida, que me deu força para continuar e chegar até o final.

À minha Orientadora Lygianne Batista Vieira por toda dedicação em me orientar e me passar a melhor forma de escrever este trabalho.

À Banca de Defesa por toda contribuição neste trabalho.

Agradeço à minha mãe, Nira por sempre estar presente em toda minha vida escolar e acadêmica, sua força me inspira.

Meu pai Cosmo, que apesar da distância sempre se importou com meus estudos e me incentivou.

Aos meus irmãos Fabio, Fabiola e Rafael que sempre comemoram minhas conquistas como se fossem deles e essa será mais uma.

Bem como meus sobrinhos Nicolas, Adryan e o bebê que ainda está por vir, são motivações para eu querer ser melhor a cada dia.

E aos demais familiares e amigos que sempre acreditaram no meu potencial e também me ajudaram a chegar aonde estou agora.

## MEMORIAL ESCOLAR E ACADÊMICO

A minha trajetória escolar foi bastante relevante e imprescindível para me tornar o que sou hoje, sempre gostei de frequentar a escola, desde os anos iniciais me destaquei várias vezes positivamente em relação ao aprendizado, participação, comportamento. No segundo ano do Ensino Fundamental, a professora percebeu meu destaque e solicitou que eu fosse adiantada para o terceiro ano ao observar que aprendia de forma mais fácil e rápido em relação aos outros alunos, mas não foi possível no tempo por falta de vaga na turma, então, já era notável meu gosto pela escola, por estar sempre aprendendo e por ensinar meus colegas, daí veio meu desejo em ser professora. A escolha de ingressar no curso de Pedagogia partiu de um desejo que eu tinha desde criança em continuar no ambiente escolar, estar neste ambiente me traz paz e motivação em continuar. Os estudantes, professores, direção, servidores, salas, a escola no geral são apaixonantes e interessantes, me identifico completamente com a Educação.

No ano de 2019 finalizei o terceiro ano do Ensino Médio, também foi o ano em que eu fiz minha escolha do curso de Pedagogia, sendo essa opção que marquei na inscrição da terceira fase do Programa de Avaliação Seriada (PAS), por meio dele entrei na Universidade de Brasília. Até hoje, me lembro no momento em que o diretor da escola em que eu estudava, o Centro de Ensino Médio 2 de Brazlândia, cidade onde resido, foi em cada sala celebrar que apenas uma estudante, a única do turno noturno que fez as três etapas da avaliação, foi aprovada para ingressar na UnB, quando ele passou na turma em que eu estudava e mencionou que a estudante aprovada era eu, com uma das melhores notas da escola.

Com esta notícia fiquei muito feliz, até porque eu sou a primeira pessoa da família a ingressar no Ensino Superior e chegar até o final, somos uma família de baixa renda, meus pais não concluíram o Ensino Fundamental, mesmo com dificuldades sempre fizeram o possível para que eu desse o melhor na escola, minha mãe nunca deixou de ir a uma reunião, sempre foram presentes, meus irmãos não chegaram a fazer faculdade, mas terminaram o Ensino Médio, minha irmã chegou a ingressar no curso de secretariado, porém não concluiu.

Após isso, as aulas iam dar início no primeiro semestre de 2020, porém veio a pandemia de Covid 19, onde infelizmente teve que adiar as aulas presenciais e dar início às aulas de forma remota, pela internet, no tempo, eu não tinha notebook, então, meus acessos as aulas eram feitos pelo celular, visto essas dificuldades que eu e mais alunos enfrentávamos, a Universidade nos forneceu auxílios para compra de notebook e chip de internet, às vezes a internet não pegava e as vistas doíam, ficamos dois anos com aulas neste formato.

No primeiro semestre de 2022, retornamos às aulas presenciais, com restrições, distanciamento e uso de máscara, já era um avanço e uma esperança de voltar ao normal, porém de forma restritiva. Com o retorno, pude realmente ter a experiência de conhecer e viver a UnB e também, ter o contato com professores e colegas. De certa maneira, ter contato físico com os textos e conteúdos, é significativamente melhor para o aprendizado, porém no começo, tive receio de não conseguir acompanhar o fluxo da Universidade, já que ao ingressar vem a cobrança de ser sempre melhor em tudo, mas com o passar do tempo, fui me adaptando e sabendo conduzir meus trabalhos e responsabilidades acadêmicas.

Os conteúdos são bem extensos, entretanto, cada professor explica da sua maneira, alguns de forma mais inteligível e outros que eu tinha que buscar por fora materiais didáticos para entender o conteúdo. Todavia, é importante destacar o trabalho e empenho de cada um dos professores que são tão necessários para minha formação, compreensíveis e é notório como eles têm domínio sobre os assuntos que são tão fundamentais para a jornada no curso de Pedagogia.

O Estágio 1, que se trata de atividades práticas na Educação Infantil, me fez refletir e buscar sempre uma didática melhor para entender como são os comportamentos das crianças e um olhar mais maduro e ao mesmo tempo infantil para voltar ao mundo delas, para entender que as crianças evoluem por meio de descobertas, com incentivos e orientações, foi preciso trabalhar minha sensibilidade, emocional e comportamento para uma melhor experiência em sala de aula com as crianças.

Já no Estágio 2, onde as práticas são com os anos iniciais do Ensino Fundamental, fui capaz de ver como é a transição dos estudantes que estão vindo da educação infantil para uma fase um pouco mais complexa, com ênfase na alfabetização, também é preciso que eu tenha um olhar sensível nesta fase e aprimorando as táticas de ensino para ser uma professora melhor a cada dia. As experiências nos estágios foram decisivas para mim, foi onde eu pude ter certeza de que é a área da educação que eu quero seguir.

No Estágio 3 referente a Gestão Escolar, tive a possibilidade de abrir interesse pela parte administrativa da Educação, o contato com diversos espaços dentro da instituição, como:

direção, espaço bem organizado, profissionais responsáveis e pontuais com o seu trabalho; secretaria, acolhedores e solícitos em atender as demandas de alunos, pais e comunidade; coordenação, espaço de diálogo e prática entre os professores, colaboradores e gestão pedagógica; setor financeiro, com empenho e responsabilidade em mandar todos os dados corretamente para os setores responsáveis pelo fornecimento de verba, alimentos, fiscalização e de tudo que há na escola.

A vivência na gestão escolar no período noturno, me possibilitou ver como as realidades são distintas entre o período diurno e noturno, o público é diferente, o barulho e animação da escola no turno é mais presente e além da gestão, que se comporta e atende forma mais distante no período noturno, sem esse estágio não teria visto a escola com esse olhar mais crítico, então podemos realçar a importância desse estágio para minha formação como futura profissional da Educação.

Por último, fiz o Estágio 4, estágio realizado em espaço não escolar, nesse estágio, pude ver como é o trabalho do pedagogo em espaços além do cenário da escola, no caso, eu vivenciei as práticas pedagógicas de um dos Centros Olímpicos do Distrito Federal, espaço voltado à práticas de esportes olímpicos e paraolímpicos. Durante o período de sessenta horas, consegui acompanhar o trabalho da pedagoga, participei de reuniões, palestras sobre esporte e saúde, confecção de materiais e outras experiências. Com isso, ficou claro como é fundamental o trabalho do pedagogo também fora das salas, é um trabalho amplo com várias oportunidades de expandir as experiências e conhecimentos na área da Pedagogia.

Neste curso de Pedagogia, foi especialmente fundamental para meu crescimento pessoal e profissional. Tive potencial de me reinventar a cada dia, e continuarei fazendo isso. As reflexões, conversas, participações me proporcionaram conhecer sentimentos e comportamentos que eu não tinha apresentado antes do curso, como ter vontade de participar das aulas, conseguir apresentar seminários em turmas cheias, além do contato com textos de diferentes que fazem enriquecer meus conhecimentos.

Dediquei-me na feitura das atividades propostas, participei de seminários, fiz a leitura de vários textos de autores renomados e de outros não tanto conhecidos, textos longos e curtos, mas que serviram muito para entender os conteúdos e explicações, e também me fizeram entender que com as leituras e releituras foi possível mudar positivamente minhas visões sobre determinados assuntos.

Além disso tudo, não posso esquecer da convivência com colegas de diferentes visões de mundo, como é gratificante ter cursado na UnB, com pessoas de todos os estilos e

jeitos. Aprendi com os compartilhamentos que devemos observar e ter empatia com o que digo, para que de forma nenhuma eu possa ofender o outro, preciso ser sigilosa com as palavras, buscar sempre o diálogo em qualquer situação. Destaco a disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais com a professora Daniela Barros, onde tive contato com colegas que são da religião candomblé, o que foi totalmente diferente para mim, já que as religiões em que eu tive contato eram bem distantes, nesta disciplina pude conhecer melhor outras culturas, fiquei encantada como o respeito de todos da turma era admirável, e como era algo novo que eu e alguns colegas estávamos conhecendo, a professora e outras pessoas da turma praticantes da religião foram pacientes e respeitosos conosco.

Ser aluna desta Universidade me faz sentir especial e vitoriosa por ter chegado tão longe, mesmo com dificuldades de locomoção e distância, é gratificante ver a minha evolução e a chegada na reta final do curso de Pedagogia. Nela, pude quebrar tabus que havia em mim, desfazer preconceitos que foram passados de gerações passadas.

A escolha do tema deste Trabalho Final de Curso partiu de uma curiosidade que tive quando fui fazer uma entrevista de estágio, pesquisei sobre a escola no *Instagram* e um dos destaques era de que ensinava Educação Financeira para crianças de 4 anos de idade, me despertou interesse em saber se era tão importante assim, de início este trabalho era voltado para a infância e com o decorrer da escrita o tema foi mudando para Educação Financeira na perspectiva crítica, por ser um tema mais amplo e pouco explorado.

Com a grandeza do curso, na forma como os ensinamentos chegaram a mim, sinto que estou preparada para seguir carreira profissional como Pedagoga, claro que sempre tenho que buscar mais conhecimentos, mas sei que com os aprendizados que tive me darão embasamento para ser uma excelente profissional.

Para meu futuro, após minha formação, pretendo prestar concurso para a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal para função de Professora de Atividades; posteriormente fazer especializações em áreas relacionadas com a educação, como: psicopedagogia, pedagogia social, entre outras, buscando sempre evoluir profissionalmente. Almejo ser uma pessoa realizada, ser reconhecida por fazer a diferença na vida das pessoas, tanto para as crianças, quanto na vida de jovens e adultos, que também são áreas do pedagogo, me possibilitando condições de ter uma vida tranquila e para isso tenho que me dedicar, buscar novos conhecimentos e fazer um bom trabalho.



## EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PERSPECTIVA CRÍTICA

Rafaela dos Santos Alves

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lygianne Batista Vieira

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a Educação Financeira numa perspectiva crítica, considerando as orientações curriculares e as influências do mercado. Para tanto, buscamos a compreender os diferentes sentidos acerca da Educação Financeira; refletir sobre os discursos em torno do controle financeiro individual e dos impactos da publicidade nas crianças e jovens; apresentar aproximações teóricas da Matemática Financeira Crítica. Realizamos, portanto, um estudo teórico, escrito na forma de ensaio, acerca da literatura concernente a Educação Financeira e a Educação Matemática Crítica, bem como realizamos um estudo dos documentos curriculares oficiais. O estudo mostra que as normas e as orientações curriculares fazem referência a Educação Financeira, mas sem apresentar e/ou explicitar como isso deve ser feito e quais conteúdos devem ser tratado. Além disso, não abordam a perspectiva crítica, limitando-se, muitas vezes, apenas a Matemática Financeira. Verificamos também, o quanto as mídias influenciam o consumo irresponsável e o endividamento. Concluímos a necessidade de uma Educação Financeira que conscientize os/as estudantes acerca das questões socioeconômicas e, ao mesmo tempo, possibilite aplicar e desenvolver conceitos matemáticos (matemática financeira) que ajudem a entender melhor os problemas sociais, políticos, ambientais e econômicos.

**Palavras-chave:** educação; educação financeira; educação matemática crítica; consumismo.

### Abstract

This article aims to reflect on Financial Education from a critical perspective, considering curricular guidelines and market influences. To this end, we seek to understand the different meanings of Financial Education; reflect on the discourses surrounding individual financial control and the impacts of advertising on children and young people; present theoretical approaches to Critical Financial Mathematics. We therefore carried out a theoretical study, written in the form of an essay, about the literature concerning Financial Education and Critical Mathematics Education, as well as carrying out a study of official curricular documents. The study shows that the standards and curricular guidelines make reference to PE, but without presenting and/or explaining how this should be done and what content should be covered. Furthermore, we do not address the critical perspective, often limiting ourselves to just Financial Mathematics. We also verified how much the media influence irresponsible consumption and the individual. We conclude the need for Financial Education that makes students aware of socioeconomic issues and, at the same time, makes it possible to apply and develop mathematical concepts (financial mathematics) that help them to better understand social, political, environmental and economic problems.

**Keywords:** education; financial education; critical mathematics education; consumerism.

## 1. Introdução

A Educação Financeira abrange conhecimentos, atitudes e comportamentos individuais e coletivos direcionados a tópicos e assuntos financeiros. Por meio dela, pode-se formar cidadãos com pensamento crítico, responsáveis e que saibam fazer o uso consciente do dinheiro. Segundo D'Aquino (2008, p. 11), as bases do modelo financeiro são construídas, por volta, da idade de cinco anos. “O modo como manejamos nossa vida financeira foi, em larga escala, construído a partir do que ouvimos; deixamos de ouvir do que vimos ou deixamos de ver nossos pais fazerem e dizerem a respeito do dinheiro”. Ou seja, as pessoas desde muito cedo têm contato com situações que envolvem o dinheiro e as finanças, faz parte de nossas vidas. E o debate que se coloca é: como a escola (professor e o currículo) deve abordar os assuntos financeiros? Esta é uma questão que ainda não se tem respostas claras e, por isso, faremos aproximações neste texto.

Diante de uma sociedade endividada, a Educação Financeira se tornou uma panaceia para aqueles que mais lucram com esse sistema falido, bem como com suas famílias também falidas. O Serviço de Proteção ao Crédito traz dados sobre o endividamento da população brasileira, destacando que a sociedade brasileira vem passando por transformações nos setores financeiros e nas economias das famílias.

[...] 46% dos brasileiros com idade entre 25 e 29 anos estão inadimplentes. E a situação também é crítica para pessoas ainda mais jovens: 19% dos brasileiros entre 18 e 24 anos estão endividados. Juntos, esses dois grupos representam um total de 12,5 milhões de pessoas (Revista Exame, 2021).

Diante desse cenário, assume-se que indivíduos com maior conhecimento e planejamento financeiro podem alcançar uma melhor qualidade de vida (Kern, 2009; Cardozo, 2011). Isto remete, como afirma Duvoisin (2021, p. 1944-194), a uma concepção de Educação Financeira ideológica, que conta com duas funções primordiais uma é: “[...] naturalizar a centralidade das finanças na vida econômica da sociedade” e a outra “[...] induzir uma determinada ética e padrão de conduta condizente com a lógica financeira à vida individual e familiar”.

Essa ideologia é uma das formas de a Educação Financeira mascarar a discurso da meritocracia que está presente no sistema capitalista, entoando que quem se planeja melhor vai ter uma vida financeira mais estável. No entanto, não é tão simples assim, o Brasil é um país extremamente desigual, pessoas socialmente mais vulneráveis têm menos acesso à

educação, à informação, a bons empregos e, conseqüentemente, se endividam para suprir necessidades básicas.

Além desta questão social em torno da Educação Financeira, existe o discurso voltado para o consumismo que faz com que a sociedade se torne cada vez mais endividada. Macedo Jr. (2007) relata que somente uma em cada seis pessoas no Brasil tem poupança e apenas um em cada três brasileiros não possui dívidas, excluindo dessa lista as dívidas com o pagamento da casa própria.

Este endividamento tem relação com a falta de conhecimento em Educação Financeira? Tem relação com a publicidade e com o consumo de bens/objetos que não lhes fariam falta? Até que ponto o indivíduo é responsável pelo seu endividamento financeiro quando este vive em situação social de vulnerabilidade? Como a educação financeira pode atuar sem se esquecer que vivemos em país extremamente desigual? Estes são alguns dos questionamentos que fizemos para pensar a Educação Financeira na perspectiva crítica.

A Educação Financeira defendida neste texto, portanto, está alinhada a uma perspectiva contextualizada, crítica e humanizada, sem jamais perder de vista para *quem* será direcionada e para *o que* lhe servirá. A Educação Financeira nessa perspectiva, tem por objetivo educar, alertar, conscientizar e qualificar financeiramente as pessoas com respeito às tomadas de decisões relacionadas ao consumo e ao planejamento que possibilite escolhas e atitudes, bem como oportunize aos estudantes a construção de um campo reflexivo para desenvolver uma postura crítica, ética, consciente e responsável.

Além disso, defendemos uma Educação Financeira que visa o autocontrole e estimula a criança a desenvolver mais paciência e disciplina, pois isto contribuirá para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Domingos (2012, p. 51) explica que “não se trata apenas de uma questão de dinheiro. O que você terá em uma situação financeira de equilíbrio e paz de espírito, possibilidade de focar suas energias em algo muito mais prazeroso que o dinheiro”. Estas discussões são essenciais para a *Educação Matemática Financeira (EMF)* na escola ou ainda, para a *Educação Matemática Financeira Crítica (EMFC)*.

Nessa perspectiva, a consciência do consumo está relacionada ao desejo de consumir versus a realidade financeira do sujeito. No entanto, não se questiona que a realidade do sujeito decorre de um sistema desigual que não permite que ele possa consumir e desejar coisas da mesma forma que um sujeito de alto poder aquisitivo (Britto, 2012. p. 33).

Expostas tais considerações, este ensaio tem como objetivo compreender os diferentes sentidos dados a Educação Financeira; apresentar a Educação Financeira expressa nos

documentos curriculares oficiais; refletir sobre a influência da publicidade no consumo; apresentar os discursos em torno do controle financeiro individual; apresentar aproximações teóricas acerca da Educação Financeira em uma perspectiva crítica. O texto foi construído por meio de um estudo bibliográfico e foi escrito em forma de ensaio teórico. Foi elaborado utilizando-se de fontes como artigos científicos publicados em revista da Educação Matemática, bem como livros, dissertações e teses que exploram a Educação Financeira na perspectiva crítica.

## **2. Educação Financeira nos documentos curriculares oficiais**

Diante do aumento no interesse em se ensinar a Educação Matemática Financeira nas escolas, foi implantada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef) promulgada pelo Decreto nº 7.397/2010, com a finalidade de acompanhar e destacar os principais pontos e dificuldades que as pessoas têm ao se tratar de finanças. Ao detectar estas dificuldades, pode-se trabalhar esta educação nas escolas e por meio da Enef a Educação Matemática Financeira passa a ser reconhecida nacionalmente e integra o eixo transversal da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o objetivo de alcançar crianças, jovens e adultos, por meio de programas desenvolvidos pelo Ministério da Educação (MEC) nas escolas e parcerias públicas e privadas, a fim de acabar com o analfabetismo financeiro no Brasil (Brasil, 2010).

[...] podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro. É possível, por exemplo, desenvolver um projeto com a História, visando ao estudo do dinheiro e sua função na sociedade, da relação entre dinheiro e tempo, dos impostos em sociedades diversas, do consumo em diferentes momentos históricos, incluindo estratégias atuais de marketing. Essas questões, além de promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos alunos, podem se constituir em excelentes contextos para as aplicações dos conceitos da Matemática Financeira e também proporcionar contextos para ampliar e aprofundar esses conceitos (Brasil, 2018, p. 269).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo em Movimento do Distrito Federal são diretrizes que embasam o currículo da Educação Básica no Brasil e do Distrito Federal, respectivamente. Em razão da importância de se trabalhar a Educação Financeira nas

escolas, a BNCC (Brasil, 2018) torna esse assunto como transversal e obrigatório, designando conceitos básicos de economia e finanças para compor o currículo escolar da educação básica.

Outro aspecto a ser considerado nessa unidade temática é o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, visando à educação financeira dos alunos. Assim, podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. “Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro” (Brasil, 2018, p. 269).

Referente a BNCC (Brasil, 2018), ela não detalha como essa educação deve ocorrer, é citada de forma mínima, deixando para a interpretação de cada projeto político pedagógico sua implementação na escola, ou seja, não é claro sua abordagem no documento. Enfatiza a importância de trabalhar e desenvolver sabedoria sobre a relação de consumo desde cedo, assim, sugere que desde a infância os alunos saibam fazer escolhas conscientes e responsáveis. Porém, alguns estudiosos como Santana Junior (2021, p. 63), reforçam que “a BNCC apesar de ser uma base, não leva em conta os contextos de aprendizagem”, já que ela não delimita os conteúdos a serem trabalhados. Além disso, é mais voltada para a Matemática Financeira e não para a Educação Financeira.

Acerca disso, a Matemática Financeira envolve conceitos de Matemática relacionados a finanças, tais como juros simples e composto, porcentagem, capital, acréscimo, desconto, lucro, montante etc. Já a Educação Financeira, é a perspectiva educativa que busca desenvolver a capacidade integral do cidadão em tomar decisões conscientes e tornar-se responsável pelos atos relacionados a finanças, ou seja, é para além da Matemática Financeira.

A Matemática Financeira está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e não faz referência a Educação Financeira, este termo somente começa a aparecer após a BNCC ser publicada no ano de 2010 (BRASIL, 1998). No entanto, apresenta a Matemática Financeira na perspectiva da Educação Financeira:

Habituar-se a analisar essas situações é fundamental para que os alunos possam reconhecer e criar formas de proteção contra a propaganda enganosa e contra os estratagemas de marketing a que são submetidos os potenciais consumidores (Brasil, 1998, p. 35).

Os PCN, portanto, mesmo sendo um documento de 1998, já trazia a orientação de que devemos analisar de forma mais profunda as promoções e vantagens que são oferecidas, para

que não sejamos vítimas de propagandas enganosas, além disso, se posiciona contra essas estratégias de marketing que acabam prejudicando os consumidores brasileiros.

A Educação Financeira, portanto, não está explícita nos PCN, porém é trabalhada de forma direta e indireta em alguns conteúdos, como observa Azevedo (2019). Nestes parâmetros, a Educação Financeira é aprimorada nos Temas Transversais do PCN como: “Ética e Cidadania”, “Meio Ambiente” e “Trabalho e Consumo” (Brasil, 2000). Temas que permeiam sobre economia, finanças e consumo e estão relacionados com a Educação Financeira.

O Currículo em Movimento (Distrito Federal, 2018) não contempla a Educação Financeira como um componente curricular, porém ela está associada as reflexões feitas em assuntos relacionados a Matemática. Está no Currículo em Movimento (Distrito Federal, 2018, p. 157) que:

Inserir esses tópicos de conhecimento não significa criar um novo componente curricular, e sim analisar aspectos matemáticos que possam levar os estudantes a repensarem seus consumos de forma a não se endividarem. Desse modo, é possível fazer uma boa utilização de seus recursos financeiros, atingindo alguns dos objetivos do Currículo interrelacionados aos conteúdos da Matemática e aos Eixos Transversais.

Assim, o Currículo em Movimento (Distrito Federal, 2018) destaca que o assunto de Educação Financeira está próximo aos conteúdos trabalhados na disciplina de Matemática e por isso, não necessita da criação de um novo componente curricular, mas como Educação Financeira Crítica, no entanto, defendemos que apenas os conteúdos trabalhados a disciplina de Matemática não são suficientes para formarem cidadãos críticos financeiramente.

Destacamos que os documentos citados mencionam a Educação Financeira ou a Matemática Financeira e, eleva a importância dessa temática na escola, mas não são claros quando se trata do que deve ser trabalhado como conteúdo e de que forma. As normas e as orientações curriculares indicam que a Educação Financeira deve ser discutida em assuntos relacionados a Matemática e aos Eixos Transversais que se aproximam do tema, mas sem apresentar e/ou explicitar uma abordagem crítica.

### **3. Controle financeiro individual, publicidade e consumo**

No âmbito da Educação Financeira, existem discursos em torno dos cidadãos terem a capacidade de se planejar e ter autocontrole sobre seu dinheiro e gastos, porém deixa de levar

em consideração o desequilíbrio financeiro, que permeia a sociedade brasileira, originada pela desigualdade no acesso à educação e renda.

É colocada sobre o indivíduo uma responsabilidade de se planejar a longo prazo, controlar os gastos, pesquisar e poupar dinheiro, mas esse discurso não está em concordância com a realidade, pessoas mais carentes precisam deixar de poupar para comprar um alimento, material escolar ou outras coisas essenciais, pois o que recebem (quando recebem), não é suficiente a ponto de sobrar para guardar. Segundo Katona (1975), existiam três razões para uma pessoa gastar mais do que ganha: 1) baixa renda, impedindo que sejam pagas até mesmo as despesas essenciais; 2) alta renda, aliada a um forte desejo de gastar; ou 3) dificuldade de economizar independente da renda auferida.

Então, não basta dizer que quem trabalhar mais, irá possuir mais condições financeiras, na perspectiva de Educação Financeira que estamos defendendo, a desigualdade social e econômica, que engloba também questões racistas, está articulada com essa desproporção financeira do país, onde há uma grande concentração de riquezas com poucas pessoas e outra grande maioria não possuem o básico para sobreviver.

Somam-se a isso, a influência das mídias ao consumismo. As pessoas são tentadas a comprarem o que elas veem nas propagandas, muitas vezes, por influência do mercado, “a pessoa não precisa daquilo de imediato” (Brasil Escola). A Educação Financeira Crítica vem analisar que até mesmo as propagandas tem diferenças de público-alvo, atualmente, por exemplo, são mostradas para crianças e adolescentes rotinas de jovens com a vida luxuosa, bons ganhos em trabalhos virtuais, o que não necessariamente é a realidade, por trás pode ter o intuito de fazer com que estes jovens queiram ser iguais e ter essa vida de artista, mesmo que a condição financeira de sua família não se enquadre neste perfil, tirando dinheiro de coisas básicas para suprir suas necessidades momentâneas. Além disso, a Educação Financeira Crítica relaciona isso com o interesse em criar e valorizar socialmente padrões de comportamentos.

Alguns estudos e autores comentam sobre a grande influência que as mídias tem sobre o consumo infantil e dos jovens. De acordo com Gonçalves (2010, s/p), em apenas 30 segundos uma publicidade consegue influenciar uma criança e também a sua família, uma vez que grande parte das crianças exercem influência sobre os pais. Segundo a autora:

[...] bastam apenas 30 segundos para uma marca influenciar uma criança e são diversos os canais com programas direcionados às mesmas que exibem principalmente propagandas que influenciam as compras; assim, a criança torna-se o indivíduo principal no consumo familiar.

O aumento do acesso às publicidades e mídias sociais, implica diretamente no desejo de consumo das pessoas, as crianças ficam expostas a propagandas que despertam o interesse delas. Portanto, para que vejam esses comerciais e saibam o que lhes realmente interessa, o que estão precisando no momento e o que podem comprar, é necessário que saibam o que é essencial e o que é gasto, é fundamental que tenham noção de Educação Financeira.

As crianças são atraídas pela curiosidade, muitas vezes despertadas por meio do acesso a televisão, celular, computadores, sendo cativadas ingenuamente pelo consumo. A mídia interfere em como as crianças veem o mundo, elas ainda possuem uma ingenuidade que talvez pode as colocar em situações de risco por não saberem diferenciar intenções lucrativas em alguns comerciais induzindo-as a comprar conteúdos desnecessários que, em alguns casos, sem a supervisão dos pais.

De acordo com pesquisa da *Panorama Mobile Time/ Opinion Box* (2022), 79% das crianças de 0 a 12 anos passam em média três horas e 53 minutos por dia usando o *smartphone*. Sendo o *YouTube* o aplicativo mais usado por elas, nele contém vários anúncios pagos de várias marcas, entre esses momentos de assistir a um programa e outro, aparecem as publicidades, se tratando de um público infantil, aparecem muitas propagandas com bichinhos, abordando uma linguagem infantil com a finalidade de alcançar esse grupo-alvo.

Pelos motivos expostos, defendemos a Educação Financeira na perspectiva crítica em aulas de Matemática, pois é preciso educar, alertar e conscientizar crianças e jovens a respeito às tomadas de decisões relacionadas ao consumo, bem como conscientizar das desigualdades que vivenciamos no país. Como afirma Skovsmose (2000, p. 19-20), precisamos buscar “caminho entre os diferentes ambientes de aprendizagem possa oferecer novos recursos para levar os alunos a agir e refletir e, dessa maneira, oferecer uma educação matemática de dimensão crítica”. Assim,

Identificamos que quando os alunos desenvolvem habilidades que estão relacionadas com a necessidade de decidir quanto às possibilidades de tomar uma decisão, considerando os cálculos da Matemática Financeira e a realidade de cada cidadão frente ao que precisa ser feito, a compreensão dos conceitos ajuda-os nessa tarefa. Estas ações contribuem para o desenvolvimento da autonomia do aluno porquanto seja preciso que ele tenha clareza quanto aos passos que podem ser dados e às justificativas coerentes que precisa apresentar para si mesmo e, também, quando for confrontado pelo professor em questionamentos acerca das decisões que tomou em um ou mais momentos para fundamentar a decisão final que tomou (Teixeira, 2016, p. 245).

Desta forma, a Educação Financeira na perspectiva crítica, dentre outros aspectos, busca subsidiar as pessoas com informações acerca da dinâmica do mercado e suas intenções,



e capacitá-las a tomar as melhores decisões quando o assunto envolve dinheiro, consumo, influência comercial e, especialmente, com o intento de evitar que se tornem vítimas de fraudes publicitárias, das futilidades do consumo e do endividamento.

#### **4. Aproximações Teóricas da Educação Financeira na perspectiva crítica**

Para chegarmos a Educação Financeira Crítica, é preciso refletirmos sobre a Educação Matemática Crítica (EMC). Para Skovsmose (2012), devemos buscar uma matemática que valoriza o questionamento e o pensamento crítico.

Para ele, a Educação Matemática pode estar relacionada a diversos assuntos, e pensando por este lado, ela deve ser problemática, ou seja, que não esteja ligada a processos automáticos e com respostas prontas, sendo racional e ampla. Para isso, ela deve ser trabalhada priorizando a democracia e o diálogo (Skovsmose, 2012).

A EMC considera a noção de *matemacia* que tem a ver com a responsabilidade social e com a educação para a cidadania, “não se refere apenas a habilidades matemáticas, mas também à competência de interpretar e agir numa situação social e política estruturada pela Matemática” (Skovsmose, 2008, p. 16). Faz, portanto, crítica a aprendizagem como uma *obediência cega a ordens* (Skovsmose, 2014), como, por exemplo: “Simplifique a expressão...”, “Resolva a equação...” e, para as questões de Matemática Financeira, como: “Calcule quanto Pedro economizaria se...”. Skovsmose (2014, p. 19) questiona se essa obediência cega, a execução de ordens sem questionamento, é apreciada pelas forças do mercado de trabalho. “Será que esse tipo de obediência contempla perfeitamente as prioridades do mercado neoliberal, em que a produção sem questionamentos atende às demandas econômicas?”.

Diante disso, a EMC nos ajuda a refletir qual Educação Financeira queremos, pois esclarece que é preciso conscientizar os estudantes de certas questões socioeconômicas e, ao mesmo tempo, aplicar e desenvolver conceitos matemáticos (matemática financeira) que ajudam a entender melhor os problemas sociais, políticos, ambientais e econômicos. Nessa direção, colocamos a Educação Financeira Crítica na perspectiva da *matemacia*.

Coutinho e Campos (2018), apresentam o termo Letramento Financeiro para se alcançar a Educação Financeira Crítica, que é capacidade de leitura, análise, gestão, comunicação e compreensão dos diversos problemas financeiros que se colocam diante do bem-estar material dos cidadãos (Noctor *et al.*, 1992). Ou seja, o Letramento Financeiro está relacionado à capacidade de leitura, análise e interpretação de situações financeiras e à

capacidade de considerar variáveis e implicações de suas ações no processo de tomada de decisões conscientes que promovam o bem-estar financeiro individual e social.

A Educação Financeira na perspectiva crítica leva em consideração, portanto, o contexto em que está inserida, as pessoas envolvidas, as desigualdades sociais existentes, a falta de oportunidades, a propagação de informações falsas, os interesses de organismos internacionais e de instituições financeiras, a influência da propaganda e das mídias sociais na tomada de decisões e, sobretudo, a consequência do endividamento em torno dessas questões.

Campos, Teixeira e Coutinho (2015) analisaram e perceberam que a Educação Financeira tem mais ascendência quando está relacionada com a realidade dos alunos, eles dizem que:

[...] a Educação Financeira pode e deve ser trabalhada no âmbito escolar desde os níveis básicos, observamos que a disciplina de Matemática e mais especificamente a Matemática Financeira se presta para esse fim. Contudo, os conteúdos de Matemática Financeira devem ser contextualizados e trabalhados dentro de uma realidade condizente com a dos alunos. [...] O desafio de desenvolver a Educação Financeira nas escolas passa pelo enfrentamento da necessidade de capacitação dos professores para esse fim (Campos; Teixeira; Coutinho, 2015, p. 575).

Assim, a Educação Financeira será mais efetiva e significativa quando é articula a realidade dos alunos, além de dar espaço para o diálogo, para o questionamento e para o debate, proporcionará situações de aprendizagem com reflexão e com senso crítico. A Educação Financeira Crítica, a qual tencionamos fazer uma aproximação teórica neste texto, deve ser capaz de formar cidadãos autônomos e emancipados, que saibam gerenciar sua vida financeira, que busquem conhecer, compreender e refletir sobre os conceitos que envolvem a Matemática Financeira, que oportunize desenvolver competências críticas e valores éticos, bem como que proporcione a reflexão dos problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais da sociedade. Desta forma, almejamos uma Educação Financeira que, sobretudo, permita refletir sobre problemas existentes na sociedade.

## **5. Considerações**

Vimos que somente o estudo de conhecimentos matemáticos relacionados a assuntos financeiros não são suficientes para formar indivíduos alfabetos financeiros, é preciso priorizar a reflexão e o diálogo sobre os conhecimentos financeiros para que as pessoas se tornem conscientes e autônomas quando se tratar de assuntos relacionados ao dinheiro e suas finanças.

A partir deste estudo, é perceptível que a Educação Financeira no Brasil não abrange a criticidade que, para nós, é essencial diante de um país que tem grande concentração de renda, juros astronômicos e impostos mais elevados do mundo. Como diz Skovsmose (2012), vivemos em uma sociedade matematizada e precisamos saber lidar com essas questões diariamente, portanto, a Matemática escolar tem papel importante na formação cidadãos críticos e conscientes, com a autonomia de reconhecer situações desfavoráveis no mercado consumista e que saibam tomar decisões éticas e responsáveis para o bem-estar individual e coletivo.

Percebemos também nos documentos norteadores da educação básica do Brasil e Distrito Federal, que falta clareza no que deve ser trabalhado como Educação Financeira, além de que quando menciona essa educação é de forma sucinta e curta, somente relaciona com conteúdos já trabalhados na disciplina de Matemática. E como vimos, a Educação Financeira deve ser empenhada em tornar o cidadão independente, que saiba conhecimentos matemáticos financeiros, mas também saiba ser críticos de suas ações.

Por fim, observamos a importância da Educação Financeira Crítica na vida dos cidadãos, pois poderá ser capaz de com o/a estudante o pensamento crítico sobre as informações que são recebidas diariamente pelas mídias, para assim poderem perceber as intencionalidades implícitas nas práticas comerciais e nos discursos meritocráticos.

## Referências

AZEVEDO, S. S. **Educação Financeira nos Livros Didáticos de Matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil, 2019.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Diretoria Colegiada. Circular nº 3.348, de 3 de maio de 2007. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 144, n. 85, p. 32, 4 maio 2007.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais. 2. ed. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Fundamental; Rio de Janeiro: 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF, 1998.

BRASÍLIA. Distrito Federal. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento do Distrito Federal - Ensino Fundamental: Anos Iniciais – Anos Finais**, 2018. Disponível em: [https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curriculo-em-Movimento-Ens-Fundamental\\_17dez18.pdf](https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curriculo-em-Movimento-Ens-Fundamental_17dez18.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

BRITTO, R. R. **Educação Financeira**: Uma Pesquisa Documental Crítica. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2012.

CAMPOS, C.R.; TEIXEIRA, J; COUTINHO, C.Q.S. **Reflexões sobre a educação financeira e suas interfaces com a educação matemática e a educação crítica**. Revista Puc SP. III Fórum de Discussão: Parâmetros Balizadores da Pesquisa em Educação Matemática no Brasil. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/25671/pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CARDOZO, J. S. **Um olhar sobre a estratégia nacional de educação financeira ENEF e sua potencial contribuição para a disseminação da cultura previdenciária**. 2011. 114 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

COUTINHO, C. Q. S.; CAMPOS, C. R. Perspectivas em didática e Educação Estatística e Financeira: reflexões sobre convergências e divergências entre letramento matemático, matemacia, letramento estatístico e letramento financeiro. In: G. P. Oliveira (Org.), **Educação Matemática** – epistemologia, didática e tecnologia, pp. 143-180. São Paulo: Livraria da Física (2018).

D'AQUINO, C. de. **Educação financeira**: Como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DUVOISIN, L. A. A. Educação financeira, imperialismo e financeirização. **Revista Estudos do Sul Global**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 191-200, 2021. Disponível em: <https://resg.thetricontinental.org/index.php/resg/article/view/10>. Acesso em: 20 de dez. 2023.

ESCOLA, Brasil. "Consumismo"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/consumismo.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023.

EXAME, 2021. Endividamento entre jovens: como reverter esse crítico cenário. **Revista Exame**. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/meu-acerto/endividamento-entre-jovens-como-reverter-esse-critico-cenario/>. Acesso em: 24 out. 2023.

GONÇALVES, Tamara Amoroso. **A publicidade dirigida a crianças e a forma de valores**. Instituto Alana, 2010.

SANTANA JUNIOR, Paulo Borges de. **Educação Financeira de um Ponto de Vista Crítico**. Revista Acadêmica de Tecnologias em Educação. Unimes Virtual. Volume 1, Número 1, Dezembro - 2021. Disponível em: <https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/tecnologias-em-edu/index>. Acesso em: 10 nov. 2023.

KATONA, George. **Psychological economics**. New York: Elsevier, 1975.

KERN, D. T.B. **Uma reflexão sobre a importância de inclusão de educação financeira na escola pública**. 2009. 200 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências Exatas) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2009.

MACEDO JR., J. S. **A árvore do dinheiro**: guia para cultivar a sua independência financeira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

NOCTOR, M.; STONEY, S.; STRADLING, R. **Financial Literacy**: A Discussion of Concepts and Competences of Financial Literacy and Opportunities for its Introduction into Young People's Learning, Report prepared for the National Westminster Bank, National Foundation for Education Research, London, 1992.

PANORAMA. **Crianças e Smartphones no Brasil**. Mobile Time/Opinion box. Outubro de 2022. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/criancas-e-smartphones-no-brasil-outubro-de-2022/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

PORFÍRIO, Francisco. "Classe social"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/classe-social.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SKOVSMOSE, O. Cenários para investigação. **Revista Bolema**. Rio Claro, SP, v. 13, n. 14, p. 66-91, dez. 2000.

SKOVSMOSE, Ole. **Desafios da reflexão em Educação Matemática Crítica**. Campinas: Papyrus, 2008. (Perspectivas em Educação Matemática).

TEIXEIRA, P. J. M. **Problemas Básicos de Matemática Financeira**. Pagar à vista ou pagar parcelado? Qual a taxa de juros? Qual a melhor decisão a tomar?. Livraria Ciência Moderna, Rio de Janeiro, 203p., 2016.